
Atuação de profissionais da psicologia em projetos sociais esportivos

Augusto Kauer da Silveira
Rafael Wolski de Oliveira

Resumo

O trabalho de psicólogos em projetos sociais esportivos é pouco debatido e conhecido de forma geral. O objetivo deste estudo foi compreender como psicólogos atuantes em projetos sociais esportivos, direcionados à crianças e adolescentes, percebem e vem exercendo suas práticas. Foi possível questionar o esporte enquanto dispositivo e ferramenta de intervenção e o compromisso social presente na psicologia. O delineamento da pesquisa foi qualitativo e exploratório. Foram realizadas entrevistas com 3 profissionais psicólogos atuantes em projetos sociais esportivos. Os dados permitiram a construção de quatro categorias analíticas: "O Esporte Enquanto Dispositivo; A Interdisciplinaridade e a Constituição de Rede; Teorias, Formação e Busca por Conhecimento; Temas Relevantes do Contexto de Trabalho". Concluiu-se que o fazer desses profissionais prioriza intervenções coletivas e em espaços abertos, ocorrendo nos momentos da prática esportiva e nas demais atividades que os projetos disponibilizam. A atuação ocorre diretamente com os usuários e suas famílias, estabelecendo relações interdisciplinares e com diferentes instituições. A perspectiva do trabalho é criar um ambiente com relações saudáveis, além de buscar e garantir direitos sociais contando com a participação ativa dos sujeitos atendidos.

Palavras-chave: Psicologia do Esporte, Projetos Sociais, Psicologia Social.

Psychology professionals activity in sports social projects

Augusto Kauer da Silveira, Rafael Wolski de Oliveira

Abstract

The work of psychologists in social sports projects is little debated and generally known. The objective of this study was to understand how psychologists working in social sports projects, aimed at children and adolescents, perceive and have been practicing their practices. It was possible to question the sport as a device and intervention tool and the social commitment present in psychology. The research design was qualitative and exploratory. Interviews were conducted with 3 psychologists working in social sports projects. The data allowed the construction of four analytical categories: "Sport as a Device; Interdisciplinarity and the Network Constitution; Theories, Training and Search for Knowledge; Relevant Themes of the Work Context". It was concluded that the work of these professionals prioritizes collective interventions and open spaces, occurring at times of sports practice and other activities that the projects provide. The action occurs directly with the users and their families, establishing interdisciplinary relationships and with different institutions. The perspective of the work is to create an environment with healthy relationships, besides seeking and guaranteeing social rights counting on the active participation of the subjects served.

Key-words: Psychology of Sport, Social projects, Social Psychology.

Actuación de profesionales de la psicología en proyectos sociales deportivos

Augusto Kauer da Silveira, Rafael Wolski de Oliveira

Resumen

El trabajo de psicólogos en proyectos sociales deportivos es poco debatido y conocido de forma general. El objetivo de este estudio fue comprender como psicólogos actuantes en proyectos sociales deportivos, dirigidos a niños y adolescentes, perciben y vienen ejerciendo sus prácticas. Fue posible cuestionar el deporte como dispositivo y herramienta de intervención y el compromiso social presente en la psicología. El delineamiento de la investigación fue cualitativo y exploratorio. Se realizaron entrevistas con 3 profesionales psicólogos actuantes en proyectos sociales deportivos. Los datos permitieron la construcción de cuatro categorías analíticas: "El Deporte Mientras Dispositivo; La Interdisciplinaridad y la Constitución de Red; Teorías, Formación y Búsqueda por Conocimiento; Temas Relevantes del Contexto de Trabajo". Se concluyó que el hacer de esos profesionales prioriza intervenciones colectivas y en espacios abiertos, ocurriendo en los momentos de la práctica deportiva y en las demás actividades que los proyectos ponen a disposición. La actuación ocurre directamente con los usuarios y sus familias, estableciendo relaciones interdisciplinarias y con diferentes instituciones. La perspectiva del trabajo es crear un ambiente con relaciones saludables, además de buscar y garantizar derechos sociales contando con la participación activa de los sujetos atendidos.

Palabras-clave: Psicología del deporte, Proyectos sociales, Psicología Social.

Introdução

A Psicologia do Esporte e do Exercício, mais conhecida apenas como Psicologia do Esporte, apresenta-se como uma ciência relativamente nova e em expansão. Esse processo vem permitindo atuações diferenciadas aos profissionais que dela se ocupam. (Machado, 2006; Rubio, 2007a; Weinberg e Gould, 2008).

Segundo Machado (2006), até a década de 1970, a psicologia do esporte foi pouco estudada, mas é possível perceber uma consolidação dessa especialidade em diversos países e sua expansão para vários cantos do mundo esportivo, ainda que de forma lenta. Weinberg e Gould (2008) corroboram a informação ao afirmarem que a psicologia do esporte é atualmente reconhecida em todo o mundo, tanto em seu aspecto acadêmico quanto no aspecto profissão, sendo que essa tendência é de um contínuo crescimento.

Entre as várias possibilidades do fazer profissional de um psicólogo que se insere nas temáticas do esporte e do exercício, encontram-se os projetos sociais de metodologia esportiva. Os projetos sociais são amplamente utilizados na busca por transformações de realidades sociais, visando resolver situações problemas e/ou responderem a carências de um determinado contexto. Caso desejem êxito em sua missão, esses projetos devem ser bem construídos, mantendo de forma clara seus objetivos, revendo constantemente suas práticas e contando com participação de diferentes atores sociais. Eles podem ter diversas metodologias de intervenção, variando de acordo com análises e interesses de pessoas ou grupos. (Santos, 2003).

O esporte, hoje, possui um papel importante na vida de muitos brasileiros. A Constituição Brasileira de 1988 estabeleceu o reconhecimento de muitos direitos sociais, entre eles o esporte e o lazer. (Silveira, 2013). Entretanto, não costumamos, de uma forma ampla, questionarmos o esporte e o lazer nessa perspectiva; muitas vezes não atribuímos a ele a mesma valoração que damos a outros direitos sociais, como a saúde e a educação, por exemplo.

Stigger e Thomassim (2013) defendem que é necessário, ao analisarmos esses projetos esportivos, levar em conta os aspectos/espacos de relações sociais em que os mesmos acontecem. Além disso, os autores defendem que o esporte seja visto de fato como um direito social e que as políticas trabalhem no sentido de aumentar seu acesso as populações. Silveira (2013) vai de encontro a essa ideia e refere que, devido a algumas características neoliberais, o Estado tem cada vez mais minimizado seu papel de promover políticas públicas, o que prejudica a visualização do esporte enquanto direito.

No caso de projetos sociais esportivos, verifica-se uma tendência em utilizar o esporte como discurso/recurso de socialização de crianças e jovens, ou seja, o esporte se encontra aqui como atividade meia e não fim. (Rubio, 2007b; Stigger e Thomassim, 2013). Para Rubio (2007b), esses tipos de projetos podem variar em suas propostas, sendo de cunho filantrópico (atendendo situações emergenciais) ou pedagógico (que terão propostas de transformação social em longo prazo). Além disso, a atuação desses profissionais, segundo a mesma autora, está voltada para o desenvolvimento

de habilidades sociais, formação de cidadania e criação/produção de outra subjetividade.

Diversos autores (Falcão, 2010; Rubio, 2007a; Silva, 2007; Silveira, 2013; Stigger e Thomassim, 2013) nos alertam que, se os projetos sociais não forem bem pensados e estruturados, acabam servindo como produção e reprodução de sistemas vigentes da sociedade, que no caso do Brasil são excludentes e segregadores. Falcão (2010) chama a atenção ao afirmar que apesar do discurso, poucos projetos sociais visam utilizar o potencial do esporte para a educação, uma vez que esta tarefa é complexa e requer um trabalho realizado de maneira integral com a contribuição de áreas interdisciplinares tais como a Educação Física, a Psicologia, a Pedagogia, a Sociologia, entre outras. O autor aponta, principalmente, que o papel do psicólogo do esporte no contexto social é desconhecido do público em geral e carece de referências tanto no sentido acadêmico quanto prático, sendo esse um tema emergente e que merece maiores investigações. Nesse sentido, o presente estudo buscou compreender como os profissionais psicólogos que atuam em projetos sociais esportivos, direcionados à crianças e adolescentes, percebem e vem exercendo suas práticas. Para além desse objetivo, foi possível questionar o esporte enquanto dispositivo e ferramenta de intervenção, e o compromisso social que está presente na psicologia. Pretende-se, com esse estudo, ampliar o conhecimento já existente na área, e manter o compromisso ético que deve estar presente em nossa profissão quando tratamos da relação psicologia e sociedade.

Métodos

Tipo de estudo

O estudo foi realizado de maneira transversal, sendo a sua abordagem qualitativa e exploratória. Gil (2002) refere que este tipo de delineamento tem como objetivo uma maior familiaridade com o problema/tema pesquisado, aprimorando ideias, “de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado.” (Gil, 2002, p.41). Este tipo de delineamento geralmente é indicado para quando o tema de pesquisa é novo ou pouco estudado.

Amostra

Participaram da pesquisa três profissionais da psicologia que atuam em diferentes projetos sociais esportivos em cidades distintas na região metropolitana de Porto Alegre. O contato com os participantes foi realizado pelo pesquisador, onde o mesmo explicou-lhes a intenção do estudo.

Os entrevistados têm por característica serem do sexo masculino e exercer sua prática há mais de dois anos em seus locais de trabalho. Após aceitarem participar do estudo, foi combinada a forma de coleta de dados com os mesmos.

Instrumentos

O instrumento de pesquisa utilizado foi uma entrevista semiestruturada que continha questões norteadoras acerca de conteúdos pertinentes aos objetivos.

Procedimentos éticos

Todos os participantes leram e assinaram em duas vias o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE. Para o prosseguimento do trabalho, houve a construção de categorias visando melhor organização, apresentação e entendimento dos dados. Nomes fictícios são atribuídos aos participantes na apresentação dos resultados, a fim de respeitar e preservar suas identidades. Este estudo foi submetido, avaliado e aprovado pelo Comitê de Ética da Universidade do Vale do Rio dos Sinos – Unisinos, sob o número 2.334.673

Procedimentos para a coleta de dados

As entrevistas foram aplicadas de forma individual, sendo duas realizadas de maneira presencial nas sedes dos projetos sociais esportivos, com duração média de 30 minutos, e uma realizada de maneira virtual, através de e-mail.

As entrevistas realizadas de forma presencial foram gravadas, com autorização dos participantes, e posteriormente transcritas.

Análise de Dados

Os dados coletados foram submetidos à análise de conteúdo, método bastante explorado por Bardin (2014), que o refere como “um conjunto de técnicas de análise das comunicações” (Bardin, 2014, p. 33).

Resultados e Discussão

Ao pesquisarmos projetos sociais esportivos e psicólogos atuantes em algumas cidades da região metropolitana de Porto Alegre, foi constatada uma escassez de profissionais da psicologia neste campo; mesmo com a indicação de colegas e profissionais da área, houve projetos sociais esportivos que não tinham em sua equipe um psicólogo.

Levando em consideração os conteúdos que se apresentaram nas entrevistas, foram definidas quatro categorias para a análise de dados, são elas: “O Esporte Enquanto Dispositivo”; “A Interdisciplinaridade e a Constituição de Rede”; “Teorias, Formação e Busca por Conhecimento” e “Temas Relevantes do Contexto de Trabalho”.

O Esporte Enquanto Dispositivo

Inicialmente, é importante relatarmos algumas informações do cenário em estudo. Os projetos em que os três psicólogos entrevistados estão inseridos atendem cerca de 50, 300 e 500 crianças e adolescentes, respectivamente. Os números superiores dos dois últimos se dão pelo fato dos mesmos contarem com mais de um local de atendimento, tendo em média 100 crianças e adolescentes por cada núcleo.

O público-alvo que chega até esses projetos, normalmente, são sujeitos que estão em contextos/situações vulneráveis, ou seja, expostos a fatores de riscos em seus meios sociais. Esses riscos têm relação com, por exemplo, o baixo nível socioeconômico, baixa escolaridade dos pais ou, até

mesmo, a ausência destes, negligências de cuidados e dificuldades de acesso a serviços e oportunidades de forma geral.

Janczura (2012), com base nas ideias de Oliveira (1995 apud Janczura, 2012), refere que a produção de grupos vulneráveis está diretamente ligada a ações de agentes sociais distintos, ou seja, existem muitos processos de discriminação que acabam produzindo tais grupos. Nesse sentido, para os autores, o deslocamento do olhar para os diretos sociais ao invés das carências sociais, nos é oferecido como uma possibilidade interessante de enfrentamento da situação-problema.

Discutimos, anteriormente, que é necessário haver cuidado para que projetos sociais esportivos não acabem sendo reprodutores de lógicas excludentes. A partir das falas dos entrevistados, podemos verificar que esse cuidado existe já em um nível de constituição de projeto (Planos Políticos-Pedagógicos), orientando a prática de todos os profissionais das diferentes áreas de conhecimento. Na perspectiva desses profissionais/projetos, ou seja, no plano das ideias e na rotina de suas atividades, visa-se trabalhar algumas questões e valores que vão em direção a uma sociedade mais justa e igualitária. (Falcão, 2010; Rubio, 2007a; Silva 2007; Silveira, 2013; Stigger e Thomassim, 2013).

O esporte, dentro desse contexto, pode ser entendido como um dispositivo e ferramenta metodológica, ou seja, sua utilização nada mais é do que uma estratégia de intervenção. Podemos conceituar dispositivo como:

“Um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o dito e o não dito são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a rede que se pode estabelecer entre esses elementos.” (Foucault, 1979 apud Kastrup e Barros, 2015, p. 244).

Kastrup e Barros (2015), baseadas nas ideias de Foucault, nos indicam que o dispositivo serve para responder a uma urgência, revelando-se pela sua função estratégica ou dominante e sugerindo transformações de posições e de funções. Essas autoras trazem que para Deleuze (1990 apud Kastrup e Barros, 2015), um dispositivo é composto por linhas de natureza diferenciadas, podendo ser categorizadas por linhas de visibilidade, de enunciação, de força, e de subjetivação. Isso significa que um dispositivo faz parte de um processo, que ajuda-nos a entender, produzir e acompanhar efeitos.

Na rotina dos projetos pesquisados são trabalhados diversos conceitos, alguns exemplos são: Cidadania, Saúde, Educação, Autoestima, Empatia, Tolerância, Humildade, Altruísmo, entre outras. Verificamos essa atuação nas falas:

“[...]tanto é que a própria metodologia que a gente usa no futebol [...] que eles chamam de futebol callejero é justamente isso, é eles poderem trabalhar essa questão dos valores, da parceria, do coleguismo, é nesse sentido.” (Roberto).

"[...]existe também uma atividade que envolve todas as turmas relativas aos atributos. Usualmente de dois em dois meses um atributo é escolhido para ser trabalhado com os educandos [...]. neste momento os alunos estão realizando projetos com o atributo do respeito." (André).

Costa (1990 apud Contini, 2003) refere que a cidadania se sustenta a partir de um tripé, que leva em consideração as garantias de direitos civis, políticos e sociais. Segundo Janczura (2012), os direitos e a cidadania se configuram como conceitos contemporâneos que objetivam instigar nos sujeitos e nos coletivos a compreensão, a análise e a reflexão de sua situação, para que, consecutivamente, tornem-se agentes de mudança em direção ao seu desenvolvimento pessoal e também social. Nesta linha de pensamento, podemos considerar que a formação de atletas e a competição - características primordiais do esporte de rendimento - não é algo que se valoriza nos cenários pesquisados. Como afirmam os profissionais:

"Nós não temos aqui o objetivo de competir. Nós não trabalhamos com a questão de transformar essas crianças em atletas, em momento nenhum. Pelo contrário, nós trabalhamos com a via de que eles compreendam quais são os valores, o que é cidadania e como eles podem ser os próprios agentes de suas vidas, para melhor." (Roberto).

"Eles sonham em ser jogador de futebol, mas normalmente o ser jogador é uma fantasia, porque quase nenhum deles vai ser jogador [...]. A gente tenta criar perspectivas para eles, para que eles visualizem outras possibilidades, até visitas em entidades profissionalizantes [...]." (Pedro).

Alguns autores (Brach, 2005; Silva, 2007; Stigger e Thomassim, 2013) nos ajudam a perceber que o esporte por si só, não tem características próprias, ele não é bom ou ruim, positivo ou negativo, socializante ou excludente, mas sim, é aquilo que se fizer dele. Essa plasticidade presente no conteúdo esportivo é justamente o que dá a ele uma potência enorme como instrumento de intervenção. Então, o que está em jogo no trabalho desses profissionais é muito mais uma postura ética em relação ao fenômeno esportivo. Tudo nos leva a crer que exista aqui a construção de uma diferente relação com o esporte, que se opõe, ou pelo menos tenciona os vínculos do esporte com o capital e a espetacularização dos corpos.

O esporte também é um dispositivo interessante a ser usado como meio de intervenção porque sua capacidade de mobilização nos sujeitos, principalmente em jovens, é extremamente grande. Como refere o entrevistado Pedro: "[...] tu larga uma bola e a gurizada se atira. Nós podemos utilizar essa motivação, mostrar perspectivas e criar um ambiente estruturado".

Ao analisar-se a práxis do dia a dia desses profissionais, observa-se que suas condutas trazem posturas peculiares se comparadas a práticas mais rígidas no âmbito da psicologia. As leituras e intervenções ocorridas nesse âmbito tendem a ser realizadas de forma coletiva e em espaços abertos, ou seja, essa relação com os usuários não se limita em práticas individualizantes e nem a um setting fechado em quatro paredes.

Essa interação costuma ocorrer durante as atividades esportivas, em momentos de oficinas de outras atividades (arte ou dança, por exemplo), e em grupos de debate sobre temas diversos. As temáticas trabalhadas nesses grupos, geralmente, são definidas pelas próprias crianças ou adolescentes. Muitas vezes quando é necessário um diálogo com o usuário são priorizados espaços abertos, mas que garantam, obviamente, a privacidade e o cuidado com aquele sujeito. Essas práticas e esses movimentos podem ser observados nas falas:

"Nosso espaço físico não apresenta um local específico para atendimento direcionado, um setting terapêutico formal, mas estamos sempre atentos às necessidades latentes e fazendo intervenções in loco, podendo ser uma intervenção necessária em quadra, no pátio, na sala de atividades, etc. O trabalho da psicologia está tão enraizado que somos uma referência para os educandos quando estes querem um acolhimento para questões intrapessoais, interpessoais. Na minha percepção, todas essas atividades fazem com que a equipe seja a de maior proximidade com os educandos." (André).

"[...] quando a gente está ali nesse processo, que é sempre em grupo, e identifica alguma necessidade, fazemos uma solicitação para conversar; retira do grupo e sai pra conversar nos espaços que se tem. Os espaços que a gente tem são os espaços abertos. [...] a gente senta, compreende o que está acontecendo, conversa com a criança, com o adolescente. [...] e a partir daí a gente começa a articular com eles, o que eles próprios acham que poderíamos fazer." (Roberto).

Os profissionais citaram que muitos dos jovens inscritos nesses projetos se beneficiariam se tivessem atendimentos individuais, porém os projetos não dão conta de realizar esses atendimentos e muitas vezes não é encontrado esse atendimento em outras instituições. Por outro lado, acredita-se na força do coletivo e na qualidade desse tipo de intervenção. Durante as entrevistas, ressaltou-se também a importância da construção de vínculos nesse processo, e, a seguir, debate-se sobre essa temática.

A Interdisciplinaridade e a Constituição de Rede

Todos os projetos em que os profissionais estão inseridos possuem uma equipe interdisciplinar. Essas equipes são formadas, de modo geral, por profissionais da: Psicologia, Educação Física, Pedagogia, Serviço Social, Serviços Gerais e Setor Administrativo.

Nesse contexto, acaba ocorrendo a criação de múltiplas redes, não somente no sentido operativo de trabalho, mas de diferentes relações e múltiplos vínculos – entre os profissionais atuantes e público-alvo, e entre pares (crianças e adolescentes). Na visão dos entrevistados, é partir do vínculo que se consegue uma relação mais saudável com as crianças e com os adolescentes, permitindo intervenções mais precisas. Isto porque, vinculados aos projetos e a esses profissionais, os usuários se apresentam mais abertos aos movimentos de mudança no sentido de avançarem em seus desenvolvimentos globais.

O conceito de rede pode ser entendido como “uma pluralidade de pontos ligados entre si por uma pluralidade de conexões”, ou seja, “um campo heterogêneo de tensões.” (Moraes, 2000, p.13). É justamente pelas diferentes redes de relações, como se citou acima, que os projetos passam a ser um espaço de referência das crianças e dos adolescentes, passando a ser vistos além de apenas como a ocupação de tempo livre; eles funcionam como produtores de sentido e significado na vida desses sujeitos, e a isso se atribui grande importância.

Para compreendermos melhor o trabalho do psicólogo nesse cenário temos que considerar as relações que estes estabelecem com os profissionais das demais áreas e campos do saber. Essas relações, segundo os entrevistados, na maioria das vezes são tranquilas, porém quando há alguma divergência, procura-se a abertura do diálogo e manter certa sensibilidade na hora das trocas. Todos os projetos têm reuniões de equipe e estudos de casos, e tenta-se, com as diferentes visões, estabelecer uma totalidade na compreensão das problemáticas e nos movimentos para intervenção. Busca-se, nesse sentido, evitar a fragmentação da atuação e dos conhecimentos para qualificar as práticas.

Na percepção dos entrevistados, a atuação da psicologia não é melhor e nem pior do que as demais áreas. A importância do papel do psicólogo nesse contexto é atribuída ao fato da área ser mais uma colaboradora na totalidade do processo; ter uma postura sensível; articular e integrar diferentes serviços e campos do saber; e auxiliar, intervir e instrumentalizar a equipe com saberes psicológicos. Nesse sentido, a grande diferença da psicologia seria a sua capacidade de ter uma visão ampliada dos fenômenos e sua flexibilidade em interagir com os diferentes campos, na busca de um cenário saudável. Podem-se ver essas considerações nas falas a seguir:

“A visão. É a visão que a gente tem dos sujeitos. Isso fica muito claro, por exemplo, quando a gente discute em nível de equipe sobre determinado caso específico. Cada um dá sua visão sobre aquele sujeito, e a visão da psico ela é ampliada. É uma visão que vai para ‘além de’.” (Roberto).

“Acredito que o setor de Psicologia tem grande importância no funcionamento do Projeto. Ter um setor forte de Psicologia na instituição facilita a percepção integral de cada um desses indivíduos, nossa escuta e observação capacitada permitem a análise de necessidades e facilidade de acolhimento para aqueles que vivem em um ambiente tão ríspido fora do Projeto. Nossa presença tem grande responsabilidade em fazer deste espaço um local de escuta e promoção de bem-estar e saúde mental.” (André).

“[...] a área, no meu entendimento, que articula e interliga os outros saberes e as outras áreas, é justamente a psicologia, porque ela é a mais aberta. Todas as outras áreas, bem ou mal, elas tem um segmento muito fechado. Que dialoga, mas cada um no seu quadrado. A psicologia, e a gente demorou um tempo pra construir essa identidade, ela não está num lugar fechado, daquela coisa do psicólogo do ‘fale-me mais sobre isso’. Não, a gente está interagindo junto. A gente dialoga com pedagogia, com serviço social, com educação física.” (Pedro).

Os psicólogos nessas instituições vão além do contato direto com a criança e com o adolescente, afirmam atuarem junto ao atendimento com as famílias dos participantes. Fazendo um acolhimento inicial, no momento em que o jovem ingressa no projeto, mas também realizando um acompanhamento em longo prazo com essas famílias, podendo inclusive, serem realizadas visitas domiciliares.

Os profissionais têm também grande proximidade de atuação junto ao serviço social e estabelecem diferentes relações com outras instituições, tais como: Escolas, Conselho Tutelar, CRAS, CREAS, CAPS'I, entre outras. Participando muitas vezes de reuniões de rede do município em que se encontram. Essas relações com outros serviços ocorrem porque parte-se do pressuposto que os problemas sociais não podem ser resolvidos de forma individual, necessitando a participação do coletivo de diferentes atores sociais. Estas considerações explicitam-se nas afirmações:

"[...] nós temos hoje aqui, quatro áreas distintas[...] mas quem eu mais acabo trabalhando mesmo, é com o serviço social. Então, qual é o meu papel, digamos... é acompanhar, avaliar, no âmbito psicossocial essas crianças e seus familiares. E aí sim, trabalhar articulado com o serviço social e principalmente com a rede. [...]. Então eu estou constantemente me articulando com outros projetos, com serviços do município pra que a gente possa garantir algumas coisas pra essas crianças, né. Garantir seus próprios direitos diante das dificuldades que eles enfrentam em inúmeras situações." (Roberto).

"Comparando com os colaboradores de outras áreas, tenho maior participação no atendimento às famílias, atendimento aos educandos fora do ambiente de oficinas e também tenho a proximidade maior com a rede de assistência social da região." (André).

Como se pode observar, os profissionais em contextos sociais não tem como fugir do trabalho interdisciplinar e em rede. Os entrevistados referem que há também tentativas de serem realizadas atuações de caráter transdisciplinar, construindo algo novo a partir dessas conexões entre saberes e práticas.

Teorias, Formação e Busca por Conhecimento

Segundo Rubio (2007b), os autores Feijó (2000) e Machado (2000), compreendem que a psicologia do esporte seria a transposição das teorias e das técnicas das múltiplas especialidades e correntes psicológicas para o contexto do esporte. Quando exploramos essa questão com os participantes, foi identificado que os profissionais têm abordagens teóricas de trabalho distintas.

A psicanálise, o cognitivo comportamental e a psicologia social, foram apontadas como referências de atuação, entretanto, foi possível perceber que os profissionais tinham certa flexibilidade ao tratarem desse aspecto. Todos eles referiram utilizar-se de conceitos e estudos da abordagem social para a melhor compreensão dos fenômenos e da realidade dos sujeitos. Vemos algumas dessas considerações nos relatos a seguir:

"Sempre me identifiquei com a Orientação Cognitivo-Comportamental [...] Essa área permite que outras orientações sejam os pilares para a intervenção de atletas, mas busco na maioria de minhas intervenções esse entendimento sobre a interação pensamento/comportamento sobre a prática esportiva. Acho muito importante também o olhar sob o contexto social que influencia nessa interação. Intervenções ambientais e compreensão da Psicologia de viés Social são fundamentais na formação de atletas e também na formação pessoal dos atendidos." (André).

"[...] muitas vezes o meu próprio embasamento ele entra pela via psicanalítica, mas em alguns momentos eu acho que a cognitiva pode ajudar um ou outro de uma forma mais incisiva. Então, eu tento também não fechar. Eu tento deixar mais aberto pra ver de que maneira essas crianças vão se sentir mais a vontade, e justamente porque o meu processo e a minha ideia é o bem estar deles." (Roberto).

A visão da intervenção centrada no sujeito chama a atenção, pois é justamente isso que se acredita fazer sentido na atuação de um psicólogo. Dessa maneira, é possível manter uma postura ética e uma prática coerente. A flexibilidade desses profissionais visando a construção de ambientes e sujeitos saudáveis, bem como uma ampliação da leitura dos fenômenos, aponta para um diagnóstico interessante do fazer profissional.

Apenas um dos profissionais entrevistados considerou-se um psicólogo do esporte, referindo buscar formação específica para a área. Os demais profissionais se consideram muito mais psicólogos sociais que se utilizam da ferramenta esportiva, do que propriamente psicólogos do esporte. Outro resultado interessante na pesquisa foi de que os psicólogos, nesse meio, acabam aprendendo sobre diferentes temas e áreas, buscando qualificar suas práticas através de leituras e cursos. Podemos ver esse debate nos seguintes apontamentos:

"Eu busco ler sobre pedagogia, sobre serviço social, sobre fonoaudiologia, sobre nutrição. [...] eu tenho que ter esses elementos pra saber dialogar, mas não fazer pelo outro. [...] quando a gente busca leituras, saberes e diálogos, é pra compreender e qualificar esse diálogo." (Pedro).

"[...] a gente acaba aprendendo muito sobre o esporte. [...] porque assim como os outros profissionais estão abertos à psicologia para falar sobre os sujeitos e eles compreendem como a psicologia enxerga esses sujeitos, os demais profissionais também estão abertos a entender o que é o esporte e qual é a relação do sujeito com o esporte. E esse entrelaçamento que tem é extremamente rico." (Roberto).

"Sou um profissional relativamente novo, então faço e ainda quero fazer mais para me qualificar, principalmente na área esportiva. Após a graduação já procurei ter uma especialização na área de Psicologia do Esporte [...]. Acredito que a área esteja aos poucos se solidificando, mas ainda é escassa de qualificações e pesquisa, tendo que o profissional que quiser trabalhar com isso correr atrás de muito material estrangeiro e

adaptar para a realidade local. Algo que pouco se fala é de também o Psicólogo que se propõe a entrar nesse universo de que ele seja curioso e tente absorver o máximo da modalidade em que atua, não apenas deter do conhecimento técnico dos fatores psicológicos que afetam o esporte e atividade física.” (André).

Todo o profissional tem como uma de suas funções exercer o acompanhamento do processo de estágio de um ou mais estagiários da psicologia. Esse é um dado relevante, pois podemos inferir que o esporte está cada vez mais presente no meio acadêmico como possibilidade de atuação do profissional. Não se pode afirmar que isso irá desencadear em um aumento do número de psicólogos nesse campo, mas é certo que a utilização do esporte como ferramenta de intervenção social está sendo difundido ao se abrir acesso a esses estudantes.

Temas Relevantes do Contexto de Trabalho

Durante as entrevistas, o autor da pesquisa solicitou aos participantes que levantassem temas do seu contexto de trabalho, aos quais eles acreditem ser de fundamental importância na construção do estudo. Essa categoria debate os assuntos que os profissionais citaram quando questionados a respeito dessa questão. A proposta da categoria é manter o compromisso tanto com os participantes, quanto com a produção de conhecimento do objetivo inicial.

O primeiro ponto importante de destaque sobre os temas relevantes desse contexto reflete sobre a postura dos profissionais da psicologia em si. O entrevistado Pedro é quem inicia a discussão ao referir que a psicologia tem em sua história um papel elitista, mas que, no seu entendimento o psicólogo se encontra hoje “[...] *menos no pedestal, mais junto com os mortais [...]. Com o papel mais de olhar no olho, poder falar, poder se expor um pouco também.*”.

Bock (2003) faz uma excelente discussão sobre essa temática ao afirmar que, realmente, a psicologia sempre teve um compromisso com a sociedade. Entretanto, historicamente o compromisso foi para com uma elite social não chegando ao acesso de todos que necessitam dela, principalmente as populações mais pobres. Sendo este um histórico recente, precisamos de cada vez mais profissionais voltando suas práticas para uma sociedade mais justa, uma vez que a “inserção do psicólogo na sociedade ainda é pequena, dado seu potencial humano e técnico.” (Bock, 2003, p. 19).

Indo além da questão do olhar da psicologia voltada para o social, o entrevistado refere-se sobre a importância de tencionarmos a visão que muitos têm do psicólogo como um “ser perfeito”, por exemplo:

“[...]as pessoas idealizam que o psicólogo é um cara que não tem depressão, cara que não tem ansiedade [...]. Assim como as pessoas acham que, sei lá, um odontólogo não tem nenhum dente ruim, tem que ter um sorriso perfeito. [...] o psicólogo é uma pessoa como qualquer outra, que está sujeito a situações da vida.” (Pedro).

Nesse sentido, o entrevistado André também cita que além de profissionais, os psicólogos são também “torcedores”, pois vibram com as vitórias dos sujeitos atendidos tanto na quadra quanto na vida. Essa atuação, pelo que podemos compreender da fala do profissional, não se restringe apenas a saberes técnicos, mas mobiliza sentimentos pessoais. Vemos isso claramente em seu relato:

“Com a proximidade que o trabalho da psicologia tem com seus atendidos, é muito bacana ver o desenvolvimento e conquistas de cada uma dessas crianças. [...]. Trabalhar nesse contexto de vulnerabilidade exige muito do profissional, cada dia somos colocados à prova com situações que nos chocam e explicitam tudo de prejudicial que a desigualdade social pode causar com as pessoas em nosso Município, Estado e País. Mas mesmo com todo esse contexto, temos a crença de que todo indivíduo carrega consigo um grande potencial, só é preciso de um ambiente saudável e protetivo que regue essa semente e faça-a florescer. Esse é o nosso propósito.” (André).

Estas falas nos remetem aos processos de vida pessoais, que são singulares, e lembra-nos que, antes de profissionais, somos humanos. Dessa forma, estamos suscetíveis ao erro e a falha, ao acerto e a alegria. Precisa existir, então, uma constante reflexão sobre nosso fazer e implicação. Da mesma forma, somente citações floridas em papéis/documentos virtuais não são suficientes para transformar realidades sociais, precisamos de uma postura ética que esteja de acordo com os princípios que estabelecemos. Espera-se que esses movimentos cada vez se ampliem mais, pois eles já existem como se observa na fala a seguir:

“[...] eu acho que hoje o psicólogo tem conseguido mostrar mais isso pras pessoas, sem deixar de ter qualidade, sem deixar de ter o seu espaço de trabalho. O que seria um ser humano como qualquer outro. Então eu vejo o psicólogo descendo do pedestal, respondendo tua pergunta. Eu acho isso importante, porque isso vai abrir muito espaço.” (Pedro).

Outro ponto de destaque, realizado por Roberto, é a questão do desejo. Para esse profissional, o desejo é aquilo que produz nos sujeitos a busca por movimentos de transformação. Nesse sentido a participação das crianças e adolescentes nos projetos não se deve dar de forma verticalizada, ou seja, simplesmente pela vontade dos pais, de profissionais ou de uma instituição, por exemplo. A fala a seguir explana essas ideias:

“Eu tenho percebido que muitas coisas se dão por meio do desejo. A ideia é que essas crianças estejam aqui porque elas desejam estar aqui, por alguma razão, seja pelos vínculos que elas tenham com outras crianças e adolescentes, ou seja, porque ela gosta muito de esporte; então ela vem pra cá, mas tudo parte do desejo. [...]. Isso eu acho que é fundamental que a gente tenha sempre em mente.” (Roberto).

Para concluir essa categoria, trazemos a temática das políticas públicas, sendo esta de fundamental relevância e que precisamos dar mais atenção. Diz-nos um dos entrevistados:

"[...] de nada adianta se eu não tiver políticas públicas que sustentem isso. Porque daí é aquela coisa, eu não consigo um apoio do Caps Infantil se eu não tiver uma estrutura pronta e uma rede lá pronta que eu possa encaminhar e depois possa receber retorno sobre isso; como é que essa criança está se desenvolvendo lá e aqui, e a gente estabelecer essas trocas. Eu preciso garantir direitos lá no Caps, aqui dentro e na política pública como um todo. Em que o município trabalhe em rede junto com o próprio Estado, enfim, e que essas coisas aconteçam." (Roberto).

Consideramos essa temática como um dos pilares da discussão. Em nossa realidade social existe uma profunda fragmentação das políticas públicas, ou seja, muitas vezes temos dificuldade de visualizarmos e de estabelecermos relações entre elas. Os sujeitos com os quais trabalhamos circulam por múltiplas políticas, sendo assim temos de ter uma visão integral delas e desses sujeitos.

Se os problemas sociais só podem ser resolvidos de forma coletiva, não é o esporte e o lazer que vão suprir todas as demandas das populações, nem a saúde, nem a educação, etc. Precisamos que os atores sociais enxerguem além das atuações de seus setores. O grande desafio é que o Brasil passa hoje por um profundo descaso, sucateamento e retrocesso das políticas públicas de forma geral. O que torna necessária a ampliação de diálogos e campos de resistência para que sejam garantidos direitos fundamentais.

Quando falamos em políticas para crianças e adolescentes é ainda mais preocupante a situação. Se existe o ditado popular que diz "os jovens são o futuro do País", podemos afirmar que nem sempre estamos cuidando bem desse futuro. Outra fala de um entrevistado que também nos chama a atenção:

"[...] as demandas da adolescência são muito grandes. Eu participei de uma pesquisa aqui junto ao conselho municipal da criança e do adolescente que percebeu que criança normalmente tem atendimento, pode até estar faltando alguma coisa, mas tem. Adolescente tem muito pouco. [...]. Então esse público adolescente tem uma demanda e faltam projetos e espaços pra eles se colocarem." (Pedro).

Segundo Contini (2003), o Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA prevê que deva existir uma ação conjunta entre o governo e a sociedade, em prol da constituição de uma rede protetiva que garanta direitos a esses jovens. Entretanto, apesar de haver avanços, não é tarefa fácil conseguir uma "proteção integral" e por isso ainda há muito a ser feito. A autora, dentro dessa perspectiva de trabalho, faz uma síntese da atuação do psicólogo que atua com crianças e adolescentes, que se encaixa perfeitamente aos processos referidos pelos entrevistados. A atuação desses profissionais seria "basicamente um trabalho de ressignificação das relações e experiências vividas como mantenedoras da exclusão e exploração, numa sociedade desigual." (Contini, 2003, p.303).

Os desafios para políticas públicas mais efetivas são enormes, mas o que é possível perceber a partir desse estudo, é que cada vez mais os

profissionais da psicologia têm se interessado pelo tema. A psicologia, ainda com suas errâncias, vem contribuindo para que os sujeitos se tornem agentes de suas vidas e também de transformação social, fazendo emergir as potencialidades da nossa profissão e assumindo cada vez mais firmemente o nosso compromisso com a sociedade, e não apenas com uma parcela desta.

Considerações finais

Ao analisarem-se projetos sociais esportivos verificou-se que muitos temas podem ser explorados e aprofundados nesse cenário. Apesar de já existirem estudos na área e o interesse de profissionais estar aumentando para debater essas questões, ainda são necessárias mais pesquisas para que se ampliem os conhecimentos. Esse estudo teve o objetivo de conhecer melhor a forma como o profissional da psicologia vem atuando e percebendo as suas práticas dentro de projetos sociais esportivos direcionados a crianças e adolescentes.

Verificou-se que a utilização do esporte se mostra como um dispositivo peculiar na prática dos profissionais. Através do desenvolvimento de práticas esportivas, os psicólogos podem trabalhar diversas questões importantes com o público atendido, como a promoção da saúde, garantia e acesso à direitos sociais, processos de ensino e aprendizagem, autoestima, tolerância, altruísmo e cidadania, além de estimular a sociabilidade e a prática esportiva em si.

Concluiu-se que o fazer desses profissionais prioriza intervenções coletivas e em espaços abertos, ocorrendo nos momentos da prática esportiva e nas demais atividades que os projetos disponibilizam. A atuação ocorre diretamente com os usuários e suas famílias, estabelecendo relações interdisciplinares e com diferentes instituições (escolas, conselho tutelar, CRAS, CREAs, CAPS'I). Os psicólogos relatam que aprendem muito sobre a modalidade esportiva e sobre outras disciplinas correlatas ao esporte. Os profissionais atribuem a importância de seu papel ao fato de o setor de psicologia ser um colaborador na totalidade do processo; ter uma postura sensível; articular e integrar diferentes serviços e campos do saber; e, dessa forma, auxiliando e instrumentalizando a equipe com saberes psicológicos para melhor intervir junto ao público-alvo. A psicologia se diferencia, então, pela ampliação da visão acerca dos múltiplos fenômenos.

Mesmo com práticas extremamente semelhantes, apenas um dos entrevistados considerou-se um psicólogo do esporte, enquanto os outros dois percebiam-se mais como psicólogos sociais. Eles são responsáveis por acolher, acompanhar e avaliar o desenvolvimento global das crianças e dos adolescentes, bem como seus núcleos familiares. O trabalho dos entrevistados tem como perspectiva criar um ambiente de relações mais saudáveis, buscar e garantir direitos sociais, contando com a participação ativa desses sujeitos.

Essas relações diretas com outras instituições, bem como a busca por autonomia do público-alvo, ocorrem porque se compreende que os problemas sociais não podem ser resolvidos de forma individual,

necessitando-se de movimentos coletivos e contando com a participação de diferentes atores sociais.

Todos os projetos sociais em que os entrevistados atuam tem a participação de estagiários da psicologia, o que aponta para uma maior inserção e conhecimento por parte dos estudantes em formação. Isso significa que a área esportiva está, ainda que de forma lenta, sendo mais percebida como uma possibilidade de inserção do psicólogo.

Por fim, foi possível perceber a importância de um deslocamento do olhar em prol dos direitos sociais ao invés do olhar para carências sociais. Esse cenário que utiliza o esporte como intervenção, se bem estruturado, pode contribuir com a construção de outra relação com o fenômeno esportivo, que se opõe ou pelo menos tensiona os vínculos do esporte com o capital e a espetacularização dos corpos. A psicologia vem cada vez mais assumindo seu compromisso com a sociedade de forma ampla, não mais voltada somente para uma elite econômica. Os profissionais da psicologia que atuam no ramo esportivo, assim como em qualquer outra área, devem estar atentos e realizar leituras críticas ao cenário brasileiro, e, assim, contribuir para a construção de uma sociedade mais justa e com melhores condições de vida.

Referências

- Bardin, L. (2014). *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70.
- Bracht, V. (2005). *Sociologia Crítica do Esporte: Uma Introdução* (3a ed.). Ijuí: Editora Unijuí.
- Bock, A. M. B. (2003). Psicologia e sua ideologia: 40 anos de compromisso com as elites. In A. M. B. Bock. *Psicologia e o compromisso social*. (pp. 15-28). São Paulo: Cortez.
- Contini, M. L. J. (2003). Psicologia e a construção de políticas públicas voltadas à infância e à adolescência: contribuições possíveis. In A. M. B. Bock. *Psicologia e o compromisso social*. (pp. 295-312). São Paulo: Cortez.
- Falcão, R. S. (2010). O Rúgbi num projeto social: relato de uma experiência. *Revista Brasileira de Psicologia do Esporte*, 3(2). Recuperado em 5 nov. 2017, da PePSIC (Periódicos Eletrônicos de Psicologia): <http://pepsic.bvsalud.org/>
- Gil, A. C. (2002). *Como elaborar projetos de pesquisa* (4a ed.). São Paulo: Atlas.
- Janczura, R. (2012). Risco ou vulnerabilidade social. *Textos & Contextos* (Porto Alegre), 11(2), 301 - 308.
- Kastrup, V.; Barros, R. B. (2015). Movimentos-Funções do Dispositivo na Prática da Cartografia In E. Passos et al. *Pistas do Método da Cartografia: Pesquisa-intervenção e produção de subjetividade*. (pp. 76-91). Porto Alegre: Sulina.
- Machado, A. A. (2006). *Psicologia do Esporte: da Educação Física Escolar ao Esporte de Alto Nível*. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan.
- Moares, M. R. O. (2000). *O conceito de rede na filosofia mestiça*.

Informare: Cadernos do Programa de Pós-Graduação em Ciência da Informação, 6(1), 12-20. Recuperado em 02 nov. 2017.
<http://basessibi.c3sl.ufpr.br/brapci/v/a/9851>>.

Rubio, K. (2007a) Ética e Compromisso Social na Psicologia do Esporte. Psicologia Ciência e Profissão. São Paulo, 2(27), 304-315.

Rubio, K. (2007b) Da Psicologia do Esporte que temos à Psicologia do Esporte que queremos. Revista Brasileira de Psicologia do Esporte, 1(1), 01-13.

Santos, L. C. dos. (2003) Projetos Sociais: fragmentos de ensinamentos. ADM pública: vista e revista. (Salvador), Ano I, n.4, 39-50.

Silva, F. S. da. (2007) Projetos sociais em discussão na psicologia do esporte. Revista Brasileira de Psicologia do Esporte, São Paulo, 1(1), 1-12.

Silveira, J. (2013) Considerações Sobre o Esporte e o Lazer: entre direitos sociais e projetos sociais. Licere, Belo Horizonte, 16(1).

Stigger, M. P.; Thomassim, L. E. (2013) Entre o "serve" e o "significa": Uma análise sobre expectativas atribuídas ao esporte em projetos sociais. Licere, Belo Horizonte, 16(2).

Weingberg, R. S.; Gould, D. (2008). Fundamentos da Psicologia do Esporte e do Exercício (4a ed.) Porto Alegre: Artmed.

Sobre o autor

Augusto Kauer da Silveira

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Brasil.

Rafael Wolski de Oliveira

Universidade Federal do Rio Grande do Sul, UFRGS, Brasil.

Contato

ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA

Augusto Kauer da Silveira

Rafael Wolski de Oliveira

E-MAIL

augusto.kauer@hotmail.com

rwolski@unisinis.br